

Sino Azul



Nº 5 — 1961

CAIXA POSTAL 450
RIO DE JANEIRO



REVISTA DOS
EMPREGADOS
DAS ORGANIZAÇÕES:

COMPANHIA TELEFÔNICA
BRASILEIRA

COMPANHIA TELEFÔNICA
DE MINAS GERAIS

COMPANHIA TELEFÔNICA
DO ESPIRITO SANTO



NOSSA CAPA

O guarda-fios José Luiz dos Santos, do Departamento da Rêde do Estado da Guanabara, no desempenho de suas atividades na praia da Bica, logradouro da ilha do Governador, na Guanabara.



GUARDA-FIOS, O SENTINELA DAS COMUNICAÇÕES TELEFÔNICAS

VINTE e quatro horas por dia, com sol ou com chuva, onde houver fios telefônicos, cobrindo milhares de quilômetros, incansáveis e dedicados homens, encarregam-se do funcionamento ininterrupto dos circuitos interurbanos que formam a vasta rede da Companhia Telefônica Brasileira. São os guarda-fios, eternos vigilantes da Rêde, autênticos sentinelas avançadas para garantir efetivamente as ligações entre as cidades espalhadas pelo nosso "hinterland".

Um guarda-fios é sempre um entusiasta na constante vigilância dos fios, nas pontas dos quais encontra-se outra classe de empregados — as telefonistas, as quais, contando com a dedicação e a colaboração dos guarda-fios, completam milhares de ligações interurbanas, de um público que sempre confiou na eficiência desses serviços.

Com a mesma desenvoltura com que palmilham, diariamente, longos trechos de chão, na sua observação de rotina, a assegurar-se de que os fios estão em ordem, os guarda-fios galgam com agilidade e presteza, os postes de madeira, "lombando" as ferramentas necessárias à remoção de defeitos. Graças à sua ação contínua, interrupções são evitadas. O guarda-fios percorre constantemente em toda a extensão, as "suas" linhas; roça o mato que as cerca, preventivamente, a foice, evitando que galhos crescidos venham danificar as linhas; destrói os ninhos de "João-de-Barro", o estranho pássaro que tem enorme preferência pelas cruzetas e isoladores do alto dos postes telefônicos.

Mas não para aí, o número de "pragas" que afligem o herói desta reportagem. Há outras. A dos caçadores de asfalto, que fazem dos isoladores de vidro ou de louça, alvo para tiro de armas de fogo, por exemplo. Ou os moleques que destroem isoladores a pedradas. São atos absolutamente condenáveis, sobrecarregando mais o trabalho desses homens dedicados, danificando a rede e prejudicando o público.

Entre as causas maiores que dão origem a defeitos de vulto, destacam-se os temporais e vendavais que provocam quebras de fios, tombamento de postes, entrelaçamento e quebra de árvores e de grandes galhos, sobre as linhas telefônicas. Nessas adversidades, muitas e muitas vezes enfrentando condições difíceis até de locomoção, dirigem-se os guarda-fios para os locais das ocorrências, não importa o tempo que faça, em terrenos traiçoeiros durante o dia e a noite, de carro, a cavalo, a pé, para a pronta restauração dos circuitos interurbanos atingidos.

Mas ainda não é só. Não é só o "João-de-Barro"; não é só a atividade dos caçadores, nem a queda dos troncos e de galhos de árvores, ou as intempéries e ventanias que necessitam da intervenção do guarda-fios na laboriosa tarefa de manutenção eficiente dos circuitos telefônicos interurbanos.

Há, também, a enfrentar e vencer, o perigoso e audaz inimigo dos guarda-fios e da sociedade: o ladrão de fios que age na calada da noite, destruidor



O guarda-fios, mesmo em sua casa, à noite, quando recebe um chamado para reparar um defeito, parte imediatamente. Sempre alerta.



As vezes, são os roubos de circuitos telefônicos ou, então, danos provocados por temporal. Não importa a origem, o fato é que as linhas têm que ser postas em tráfego. E lá vai o Alípio Alves dos Santos, de mala, para restabelecer as comunicações interrompidas.



Na estação, Raimundo Pedro Lucas, remove um defeito. Embaixo: vai para cumprir uma tarefa. Antes, verifica o motor do carro.



Alípio e Raimundo, acima, fazem uma pausa para o cafézinho no Pouso de Paranapiacaba, no cume da Serra do Mar. Embaixo: quando é possível, os guarda-fios utilizam-se da camionete para a execução do serviço. Antes do trabalho, porém, uma revisão do material necessário.





elemento humano, que, deliberadamente, provoca criminosamente interrupções entre cidades, cortando e roubando os fios de cobre das comunicações telefônicas. Esses criminosos e furtivos elementos, são verdadeiras "pragas" para os homens da Rede, exigindo sôbrehumanos esforços, principalmente dos guarda-fios, pois, com freqüência, não apenas roubam os fios, mas danificam as cruzetas, os pinos e os isoladores, em seu lesivo ato.

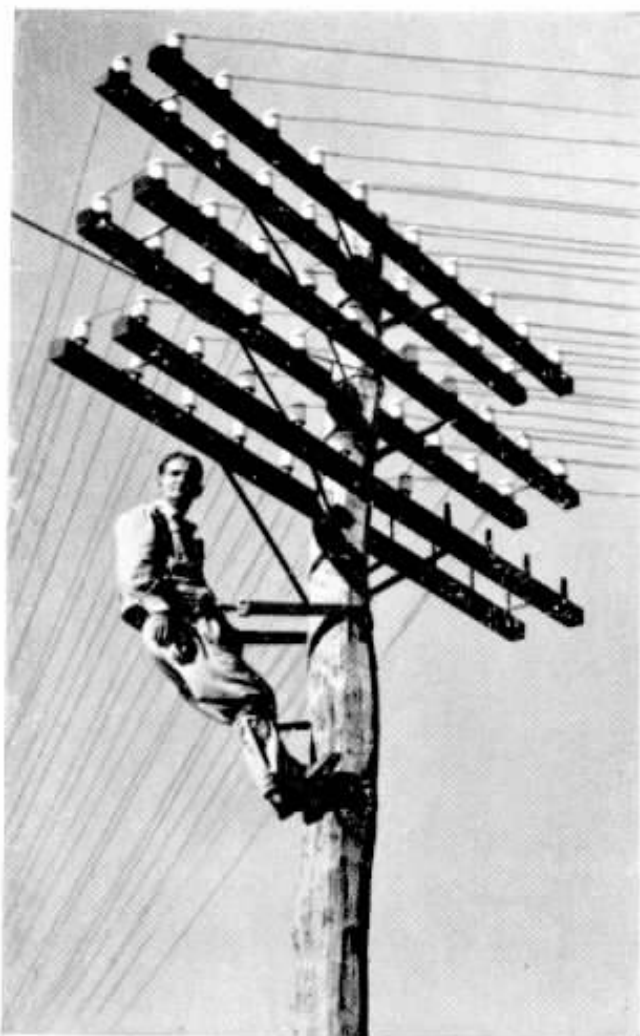
O guarda-fios é, pois, um elo de importância vital, por ser, aquele homem que, num trabalho constante e anônimo de todos os dias e horas, mantém em continuo funcionamento as ligações interurbanas, homem de vários instrumentos, pois repara também telefones, instala-os e cuida dos aparelhos públicos, fazendo pequenos serviços em caixas de "drops" e auxiliando na remoção de defeitos em cabos e terminais.

A esquerda, Raimundo F. Lucas, prepara-se para substituir um pino de madeira. Esses pinos suportam os isoladores que se distribuem pelas cruzetas. Sua fixação é feita em lugares especiais, com auxílio de marreta.

A direita, João Garcia, um dos diligentes guarda-fios da zona de Bauru, em pleno e árduo trabalho, sôbre um poste das linhas interurbanas, esforçando-se para que não haja a menor interrupção nas «suas» linhas.



Obrigado a andar a pé vários quilômetros, o guarda-fios (Raimundo P. Lucas), desafia a natureza imponente. Com as suas ferramentas maleta e telefone portátil, ele inspeciona as linhas e remove defeitos: pinos e isoladores quebrados, cruzamento de linhas, fios partidos galhos de árvores sôbre os circuitos, refinamentos de postes, destruição de ninhos de João-de-Barro... Trabalho!



A escada é auxiliar indispensável ao guarda-fios. Junto a pontes de trilho, ferro tubular ou de cimento, é essencial. Nos postes de madeira, a espora de ponta aguçada, também resolve.



O ninho do João-de-Barro foi retirado e uma linha II, isso em Vitória. Agora é guardar tudo que mais um dia de trabalho acabou. Mas antes (abaixo) é preciso fazer o Relatório de Defeitos, ponto final no dia intenso do guarda-fios. Resta a volta ao lar e a certeza de que os fios, estão «vivos», vibrando de sons humanos. Amanhã será outro dia.



TRÊS RIOS

Princesa do Vale do Paraíba

TRÊS RIOS é uma das mais antigas e prósperas cidades do Brasil. Seu nome provém do fato de situar-se nas proximidades dos rios Paraíba do Sul, Paraibuna e Piabanha. Sua história é longa e tem o seu comêço em meados do Século XVI, quando seu nome de batismo era Paraíba Nova e aí habitavam várias tribus indígenas. As mais conhecidas eram as dos Coroados e dos Barregidos que pervagavam, em constantes guerras, pelas margens dos rios Paraibuna e Paraíba.

O devassamento do território de Três Rios, verificou-se em conseqüência da abertura do roteiro Parati-Minas Gerais, pelo qual, aventureiros e faiscadores transitavam em busca de ouro. Conta-nos a história, que Martim Corrêa de Sá, filho do governador Salvador de Sá, foi, em 1597, um dos primeiros garimpeiros que por ali passou, acompanhado de 700 portugueses e cerca de 2 mil indígenas. Atingiu o vale do rio Paraíba utilizando o itinerário misto marítimo-terrestre, via Parati, para alcançar as Minas Novas, ou seja, o atual Estado de Minas Gerais.

Consta, também que nos primeiros decênios do Século XVIII, Pedro Dias Paes Leme, filho do bandeirante Garcia Paes Leme, mandou construir uma capela dedicada ao culto de Nossa Senhora do Mont Serrat, em terras onde está localizada a sede do distrito de Afonso Arinos.

A região, nessa época, estava em adiantado progresso agrícola. Grandes fazendas de café, de algo-

ção, de milho, de mandioca, de cana de açúcar e a exploração do trabalho do elemento negro escravizado, faziam a fortuna de seus proprietários. Floresciam no vale do Paraibuna, as lavouras de mamona, cujo aproveitamento destinava-se ao fabrico do azeite, usado para iluminação das casas.

Segundo o historiador Pedro Gomes, "Três Rios era apenas uma colônia dependente da Fazenda de

Olga Janete de Oliveira e Carmindo P. Oliveira, aproveitando uma folga, foram pescar no piscoso açude e de lá trouxeram muitos peixes.

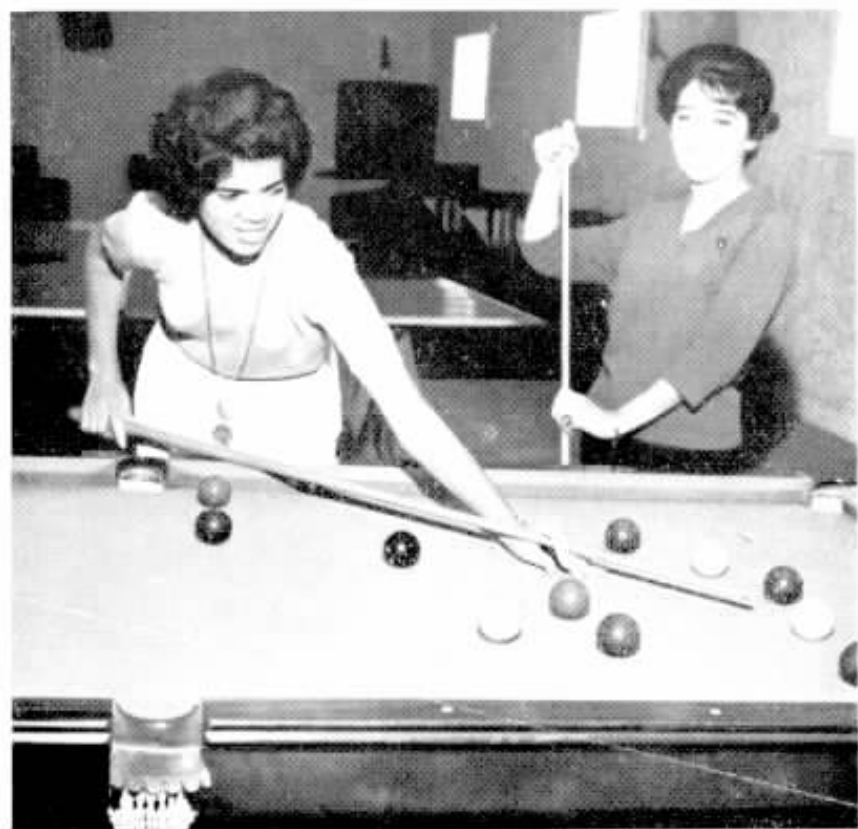


Acima, o Sr. Cesar Pereira Lobo, prefeito municipal, junto à estátua de seu primeiro antecessor, Walter Franklin, palestra com Osmar Rocha, da C. T. B. Ao lado, na fábrica de balas «Sorriso», Olegária Silva e Maria Alice Inocêncio.





As telefonistas Adelair Lourdes Reis, a TE Laciir Kopk de Aguiar e Mariulia Pereira Salgueiro, contemplam as medalhas oferecidas pela Rádio local, à dedicação das colegas.



Uma partida de entusiasmar. Carmen Honéia Pais vai arriscar uma sete, com grandes possibilidades de marcar. Maria Regina Januzzi, porém, passando com calma o giz no taco, não acredita muito no pulso firme da companheira. Nossas colegas desejam desafiar muito «barbado», tido como absoluto nesse jogo.

Município Próspero, de Solo Fértil em Minerais e de



A Seção da Rede Externa tem grande atividade nas estradas que levam a Três Rios. Na foto, junto a um dos postes de linhas interurbanas, Oseval Torres, Encarregado, dá instruções aos guarda-fios Carlos Pereira e Aladim Hefonso de Moraes.



Os livros são bons companheiros. A colega Jeanete Costa Barros mostra uma das últimas novidades literárias a Maria José R. Barbosa.

Cantagalo, propriedade de Antônio Barroso Pereira, barão de Entre-Rios. Precisando Mariano Procópio passar com sua rodovia por esse local, comprou 81.400 braças quadradas de terras, a fim de ali construir a estação ferroviária de Entre-Rios". Diz, ainda, Pedro Gomes, que "a inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II, realizou-se em Três Rios, a 13 de outubro de 1867, com a presença da família imperial e de grande comitiva", e que, com essa parada, a cidade passou a desenvolver-se comercialmente.

Por decreto de 13 de agosto de 1890, quando já vigorava a lei abolicionis-



Realizando cerca de 900 ligações interurbanas diárias, o pessoal do Tráfego tem intensa atividade. A foto é das posições, vendendo, junto às Encarregadas, a dedicada TC, Maria Machado, sempre atenta.

Clima Temperado e Salubérrimo



Na piscina do Clube Atlético Entre Rios, frequentadíssimo pela sociedade local, nossas colegas Maria Catarina Rodrigues e Iris Marine, são consideradas entre as mais exímias nadadoras locais, para a alegria dos fãs.



Acima, nossa colega Leir Santos que pertence ao acastô da rádio local, ZYL-7. Abaixo, a Telefonista - Chefe de Três Rios D. Maria Machado, com seu filho único, motivo de desvêlo e de constantes cuidados.



O belo parque da cidade, propicia bom passeio e diversões. A TCA Vera dos Santos Faria, com sua filha Ana Isaura, e Eugênia Ribeiro, TE, com seu filho Roberto Luís, aproveitam uma boa folga no parque.

ta de 1888, que tanto debilitou a economia local e já sob o regime republicano, foi reconhecido e criado o distrito de Entre-Rios. A divisão territorial de Paraíba do Sul sofreu modificações pelo decreto estadual nº 1056, de 31 de dezembro de 1943, que fixou o quadro territorial do Estado, para vigorar no quinquênio 1944-1949. O topônimo Entre-Rios foi mudado, então, para Três Rios.

Esse município, pela sua excelente posição geográfica, constitui um dos mais importantes entroncamentos rodoviários e ferroviários do país. Sua população — segundo o Recenseamento de 1960 —, é de 44.565 habitantes, e as atividades fundamentais à economia local, estão ligadas à indústria, à pecuária e à agricultura. Dois grandes estabelecimentos que bem demonstram a pujança da indústria trirriense são, por exemplo, o Frigorífico Três Rios, que abate e exporta o gado bovino para os Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara e o Laboratório Dáveres, que está fabricando plasma, derivado exclusivamente do leite de vaca, único no gênero no Brasil, segundo se informa.

Três Rios conta, atualmente, com a sede municipal, nove estabelecimentos comerciais atacadistas e mais de duzentos e cinquenta lojas varejistas. O movimento bancário é feito por cinco agências de diversos bancos, inclusive do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal. Tem vários jornais, clubes recreativos e desportivos, bibliotecas, teatro de amadores e uma banda musical. O serviço médico e hospitalar conta com vários centros de saúde e de maternidade. Quase uma centena de estabelecimentos escolares municipais, estaduais e particulares servem à população. O município é servido por Correios e Telégrafos e a Companhia Telefônica Brasileira mantém ali cerca de 620 telefones instalados, com u'a média diária de 900 chamados telefônicos interurbanos. Trabalham na CTB, nessa cidade, 84 funcionários. Também as cidades de Vila Areal, Alberto Tórres, Afonso Arinos, Hermogêneo Silva e Serraria, que compõem o município de Três Rios, são servidas pela nossa Empresa.



Newton Figueiredo, do Comercial, executa uma soma à máquina, num dia de rotina dos seus serviços para a Telefônica. Tudo em ordem.



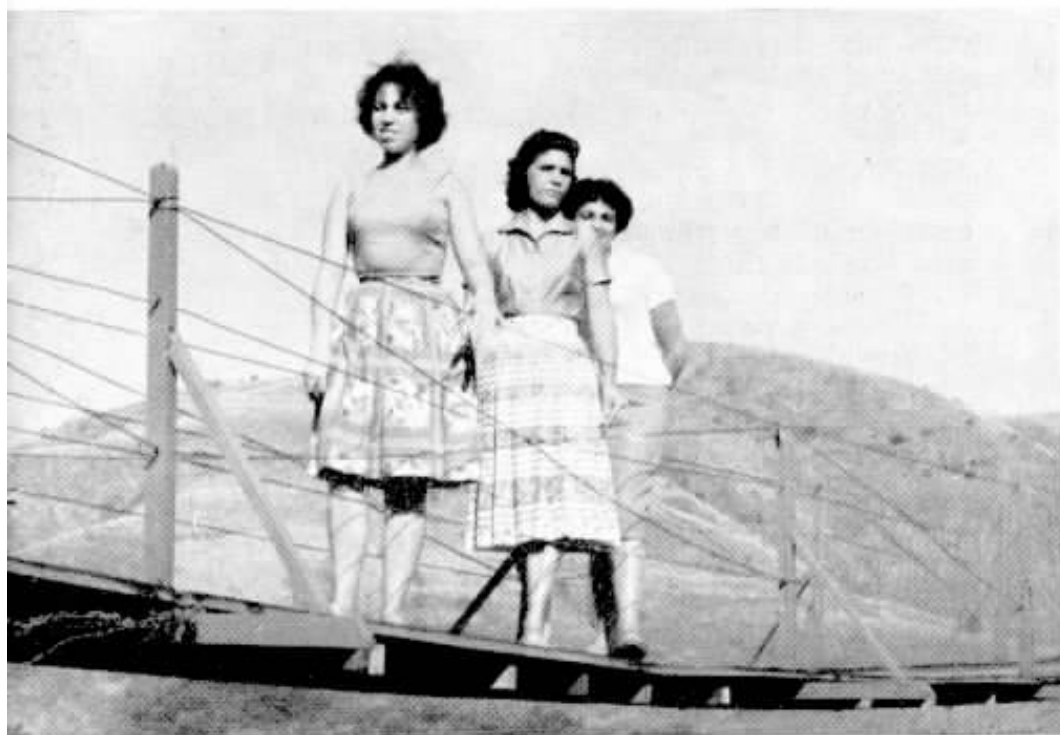
José de Sousa, da Rede Interurbana, medindo corrente de placa no quadro de fusíveis. Trabalho intenso e de alta especialidade na CTB.



Bordar e costurar são prendas domésticas que Josélia Serpar, à máquina, e Violete A. Dias, as possuem.



Na Praça da Autonomia, aprazível recanto local, Edir N. Fogaca, Cleire de Almeida e Zileine T. S. Dutra, telefonistas, apreciam do coreto, o movimento do logradouro.



Não faltam lugares agradáveis para bons passeios em Três Rios. Nossas colegas Georgeta Monteiro de Barros, Cornélia M. Abraão e Nilcéia Augusta Silva, apreciam descobri-los. E o resultado: uma boa foto na ponte.



Rodolfo O. Nogueira, na mesa de exame de linhas, mede circuitos IU e os anota.

O Amigo do **Ministro**

José Cândido de Carvalho

Conto escrito
especialmente para
«Sino Azul»

ESTAVA Gaspar Badaró, corretor de imóveis, posto em sossêgo, na varanda da Pensão Familiar, quando leu que Fogaça tinha sido nomeado Ministro. Gritou, largando a fôlha:

— Não pode ser!

Mas podia. Tanto podia que lá estava, na primeira página, o retrato do ami-



go Fogaça — aquela fotografia de homem público às ordens da pátria. Gaspar achou Fogaça mais gordo, em ponto de bala para a administração. Não, não podia deixar de levar o seu abraço ao amigo. Ele haveria de gostar:

— Badaró, que prazer!!
E, dias depois, enquanto mudava a calça de listras, deu de cantar, diante do espelho, pedaços de carnaval antigo:

*“O teu cabelo não nega,
[mulata,
porque és mulata na
[côr”.*

Sim, êle e Fogaça, lá para um carnaval de 32, pintaram o bode nos salões do Flor de Rezedá, só na base do “Teu cabelo não nega”. No meio da noite, bem mamado, de costeleta de toureiro espanhol e cabelo caído na testa, Fogaça abafou o Flor de Rezedá a poder de tango argentino:

“Adios muchachos, compañeros de mi vida, barra querida, de aquellos tiempos...”

No ônibus, a caminho do Ministério, quase meteu o guarda-chuva num bexiguento que dizia coisas contra o governo. Gaspar, dedo na cara do sujeito, mandou que êle calasse a bôca. E batendo as costas da mão no jornal que trazia o retrato de Fogaça:

— Conhece êste? E' o meu amigo Fogaça. Quan-

do tocar no nome dêle limpe a bôca com eriolina, ouviu?



O bexigoso murchou. Também Gaspar nada mais disse porque era chegado no Ministério, onde um senhor de farda azul veio ao seu encontro. Badaró foi importante:

— Quero falar com Fogaça. Diga que é Gaspar Badaró.

O homem pediu que êle enchesse uma papeleta. Encheu. E no macio da primeira poltrona repousou suas partes. Ia ser uma beleza o encontro com o velho amigo. Coisas de in-

fância, banhos de rio, rouhos de goiaba nos quintais da vizinhança. Tudo tão no antigamente! Na certa, o Ministro ia querer que ele ficasse. Recusaria:

— Não, Fogaça, hoje não.

Os primeiros quartos de hora de chá-de-cadeira foram de prosar. Veio gente e saiu gente. Chegou um senhor vermelhão, de chuveiro de doutor no dedo e nem esperou. Foi levado à presença do Ministro:

— Tenha a bondade, senador. Tenha a bondade.

E mais uma vez aquela porta que separava Badaró do velho amigo foi fechada a sete chaves. Outra hora passou e mais outra. Na boquinha da noite, um moço apressadinho veio saber quem era o Sr. Gaspar. De guarda-chuva na mão, de pé, coração aos pulos, Badaró disse:

— Sou eu!

O mocinho foi educado:

— Sua Excelência pede desculpas. Não pode receber hoje.

Badaró ainda tentou argumentar. Mas o moço foi taxativo. Sua Excelência não podia receber nem naquele dia, nem durante o resto do mês. Todo seu tempo estava tomado. E estendendo a mão branquinha de cêra:



— Lamento, lamento!

Badaró agradeceu. E pelos corredores, alma em picadinho, arrastou as mágoas:

— Isso não fica assim, não. Vou revidar.

E repetiu:

Revidar na violência. Fogaça me paga. Ora se me paga!

E na porta da rua, enquanto abria o guarda-chuva, pois começava a peneirar, falou feroz:

— Desaforo é que não levo! Fogaça vai ver.

Dormiu mal, cheio de alfinetes na alma. No Fomento Agrícola, onde era escriturário de terceira, passou o dia todo maquinando planos, agravos e vinganças. Não, uma desconsideração de tal gran-



deza não podia ficar sem revide. E dando uma palmada na mesa:

— Revide violento!

Almeida Pereira, o Pereirinha da Seção da Saúde, também escriturário de terceira, já de olho na primeira, olhou espantado na direção de Badaró. E pousando a caneta sobre a mesa:

— O amigo está diferente. Deu de falar sózinho...

Com um ouvido dêsse às ordens, Badaró não conversou. Deitou nêle, duran-

te horas, tôda a raiva represada. Reviveu a infância, os banhos de rio, Fogaça ("êsse que agora é Ministro") na farreação de pular muros, de pegar sangaços e bicos-de-lacre:

Esparramado na cadeira, cara de injustiçado, Badaró desceu aos pormenores do seu desentendimento com o Ministro. Soubesse o amigo Pereira que antes de ser nomeado ("duas semanas antes, Pereirinha"), os dois, na maior amizade, haviam almoçado juntos. E agora era aquela desconsideração:

Mas isso não vai ficar assim. Não sou de levar desaforo para casa.

Pereira, da Seção da Saúde, foi prudente. Sujeito de olho em aumento não pode se dar ao luxo de ter opinião formada. Sim, o amigo Badaró tinha lá as suas razões. Afinal de contas, era amigo do Ministro, unha e carne um com o outro. Mas que visse o que era a vida de um homem de Estado, a papelada a estudar, as audiências, o telefone, os despachos. E arrematou:

— O amigo tem que dar os devidos descontos.

Badaró, mão espalmada sobre a mesa, disse que não dava desconto nenhum:

— Nenhum, seu Pereira! Vou escrever a Fogaça uma carta malcriada, como sei fazer.

Apavorado, sem querer tomar partido, o prudente Pereira mergulhou a cabeça na papelada da formiga saúde:

— Faça o amigo Badaró o que bem entender. Lavo as mãos.

De tarde, a caminho da Pensão Familiar, outra vez ao lado de Almeida Pereira, o amigo do Ministro relatou, em linhas gerais, o que seria a carta. Nada de cerimônias, de S. Excelência, como mandava o figurino. Entrava

logo no apelido de antigamente:

— Lulu Cara de Cachorro!

E assim por diante. Ia ser uma peça de esborrachar qualquer cristão. Ia ser uma carta para sair nos jornais, na primeira página. Depois, só tinha Fogaça uma saída. E bateu nos peitos:



— E' convidar o papai para um duelo.

Pereirinha, embrulho de pão debaixo do braço, recuou apavorado:

— Duelo de sangue, de tiro?

Badaró riu, fêz pouco da coragem de Fogaça:

— Que tiro nada! Fogaça é lá de tiro. E' capaz de pedir asilo na Embaixada do Japão.

Branco, em pânico, Almeida Pereira pediu que Badaró não escrevesse carta alguma. Medisse as conseqüências do ato. Com um simples bilhete, um pedido ao diretor do Fomento, Badaró saía de escriturário diretamente para o olho da rua com inquérito cabeludo em cima:

— O amigo não sabe o que é inquérito. Não sabe!

Badaró sentiu um esfarrinhamento por dentro. Desempregado, outra vez na rua, na desgraça. Via o major Caldas, dono da

Pensão Familiar, na porta do quarto: "Seu Badaró. Hoje é dia 10. Só espero até amanhã". Mas, diante de Pereira, sustentou a carta:

— Sou lá homem de correr de inquérito, seu Pereira! Rebento o Fogaça na rua. Na rua, seu Pereira!

E mostrou o pulso que esborracharia, como um pilão as desconsiderações do Ministro. O escriturário nem quis ouvir o resto. Trepou no primeiro ônibus, em risco de ser amassado. Badaró, já sem convicção, repetiu, na beira da calçada:

— Rebento o atrevido!

Não rebentou nada. No outro dia, já a carta estava esquecida, morta e sepultada. Quando chegou ao Fomento, a primeira coisa que fêz foi procurar o Pereirinha:

— Seu compadre, o homem pediu soda. Telefonou.

E diante da admiração sem tamanho do outro, Badaró relatou as desculpas deixadas em poder do major Caldas. Que ele aparecesse, não deixasse de pegar o ajantarado de domingo, sem falta. Iam mandar o carro apanhar Badaró na Pensão Familiar:



— Seu Pereira, estou de cima, estou mandando.

O escriturário, saído da conversa do Badaró, foi espalhar a notícia. Já de tarde, o velho Pires de Abreu, que sempre tratou Gaspar pelas pontas, pediu seu comparecimento ao gabinete. E lá, muito em intimidade, disse que necessitava de um funcionário de valor, que ficasse responsável pelos trabalhos mais importantes do Fomento. E mão no ombro de Badaró:

— E esse funcionário é o senhor. Confio no senhor.

Semana e meia depois, pediu a Gaspar um favor todo especial. Quando estivesse com o Sr. Ministro não esquecesse de uma pretensão sua, já devidamente relatada e informada:

— Só falta um empur-



rãozinho. E esse empurrão sei que o amigo Badaró pode dar.

Gaspar estremeceu. Fêz modéstia:

— Sou amigo de Fogaça. Mas não sei se tenho prestígio para tanto...

Pires de Abreu achou graça. Todo o Fomento sabia das intimidades que ele desfrutava junto de S. Excelência:

—Um pedido seu é uma ordem!

Badaró, murcho como

genipapo velho, ficou sem saber como sair da entaladela. Nesse meio tempo adoeceu, de ficar em casa. A Pensão Familiar, na Bôca do Mato, não teve tamanho para receber tanta gente. Era um chover de maçãs e uvas sem descanso. Veio uma tarde o diretor Pires de Abreu. Badaró, diante do velho pediu a Deus todo poderoso, morte rápida. Abreu, na beira da cama, consolou o doente. Fêz questão de servir os remédios:

— Tome, amigo Badaró. Tome!

Na despedida, na porta do quarto, pediu que não esquecesse de “dar uma palavrinha ao Sr. Ministro”. Badaró, em vez de sepultado, disse que havia falado:

— Fogaça prometeu atender.

Badaró espichou o mais que pôde a doença. Mês e meio ficou no bem-bom da Bôca do Mato, jogando víspera, tirando sua ponta de conversa nas casas vizinhas. E uma segunda-feira, depois de um domingo de vasto ajantarado, apareceu no Fomento. Foi uma festa. O velho Pires de Abreu veio de braços abertos:

— Muito obrigado. Muito obrigado. Saiu hoje.

E mostrou ao espantado Badaró a página do “Diário Oficial” onde êle, Pires de Abreu, era promovido e reembolsado de uns atrasados de dois anos. Pereirinha, de olho esmaltado, esfregava as mãos. E acompanhou Badaró por todo o canto. Nesse mar de rosas os dias foram morrendo. Badaró dava cartas e jogava de mão no Fomento e redondezas. Peireira fêz também o seu pedido. O amigo do Ministro denegou:

— Agora não. Deixa Fogaça esquecer o caso de Pires de Abreu.

Uma tarde, o telefone tocou. Chamava Badaró.

As prestações do alfaiate andavam em atrazo de dois meses e o mestre da tesoura queria receber. Acabada a ligação, que foi curta, Badaró ficou ainda no telefone. Alterou a voz:

— Ora, Fogaça, assim não é possível! Se você não pode atender diga logo. Não sou palhaço!

A Seção da Saúva, Peireira à frente, caneta no ar, parou para ouvir Gaspar Badaró. Pires de Abreu, chamado às presas, pediu que êle agradecesse ao Sr. Ministro a gentileza do despacho. Badaró não perdeu tempo:

— Olha, Fogaça, o nosso amigo Pires de Abreu, que está ao meu lado, manda agradecimentos.

E soltando uma gargalhada no fone:



— Não, jantar não. Domingo você manda o carro logo de manhã. As sete horas, Fogaça. Em Goiás? Era só o que faltava! Até amanhã. Telefone sim.

E deixou o aparelho. Pires de Abreu, admirado, agradeceu o recado ao Sr. Ministro. Então, na presença de toda a Seção da Saúva, Badaró comentou a conversa:

— Fogaça está doido. Quer que eu vá caçar com êle em Goiás. Matar onça

braba. O homem perdeu o tino.

Riu — todo mundo riu, inclusive Pires de Abreu que quase solta a dentadura postiça no soalho. A verdade é que Badaró sabia, por leitura de jornal, que o Ministro, acompanhado de amigos, ia ao mato, em rastro de pintada. Embarcou na canoa. Longe do Fomento e de seus papéis ficou duas semanas. Para todos os efeitos, Gaspar Badaró andava na selva. E, como comprovante, apareceu na repartição munido de flecha de índio, comprada na rua São José, numa casa de especialidades. Trouxe também umaservas e capins de saúva, que distribuiu, em pacotinhos, aos colegas do Fomento. Pereirinha, todo cheio de reverências, perguntou se êle tinha fígado alguma onça. Respondeu em jeito modesto:

— Onça não. Mas estoparei uma cobra de mais de vinte metros.

O fim veio depressa. Veio certa manhã, como o leiteiro. Outro governo assumiu o poder. Outro governo e outros ministros. Fogaça foi embora às presas. E Badaró sentiu na carne, o que é ser amigo do peito de Ministro. Foi removido para o Acre.



Marcantes as Cerimônias Dedicadas aos Veteranos



Em cima: No primeiro plano, parte dos veteranos e, ao fundo, a assistência. Ao centro e embaixo: graciosas colegas que auxiliaram na distribuição de «chopp», refrigerantes e guloseimas durante a festa, tornando-a ainda mais agradável.

DIVERSAS solenidades de entrega de emblemas a veteranos, foram realizadas em várias cidades das Divisões dos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, com programas de festejos, interessantes e bem organizados, traduzindo bem o interesse que a Companhia Telefônica Brasileira tem, em premiar aqueles que desempenharam sempre suas tarefas quotidianas, de longa data, com entusiasmo em prol do bem comum — o de fornecer um serviço telefônico perfeito. Assim, em Araraquara e Taubaté, no Estado de São Paulo, e em Nova Iguaçu, Estado do Rio de Janeiro, nas cerimônias ali realizadas, a nossa Empresa teve o cuidado de demonstrar, aos veteranos, o seu reconhecimento pelos bons serviços que lhe prestaram, oferecendo-lhes emblemas representativos das etapas de serviço a que faziam jus.

Na cerimônia de Araraquara, bela e progressista cidade do interior paulista, cujas fotos estampamos nestas páginas, cerca de cinqüenta veteranos receberam seus símbolos de tempo de serviço, sendo saudados, em nome da nossa Companhia, por José Portugal Gouvêa. A fazenda de Salto Grande, lugar aprazível, gentilmente cedido por seu proprietário, Sr. Henrique Lupo, foi o local escolhido para tão significativa homenagem, havendo farta mesa de variados petiscos e alegre chopada, seguido de animado baile. A surpresa, foi o harmonioso câro formado por telefonistas de São Carlos que entoou lindas canções alusivas aos veteranos e aos serviços da CTB, dando, assim, um colorido todo especial.



Nelly Rinaldi, do Comercial, e João Gaspar, da Rede, veteranos de 35 anos de bons serviços.

José Portugal Gouvêa, à esquerda e José B. de Carvalho Mello, satisfeitos com a festa.

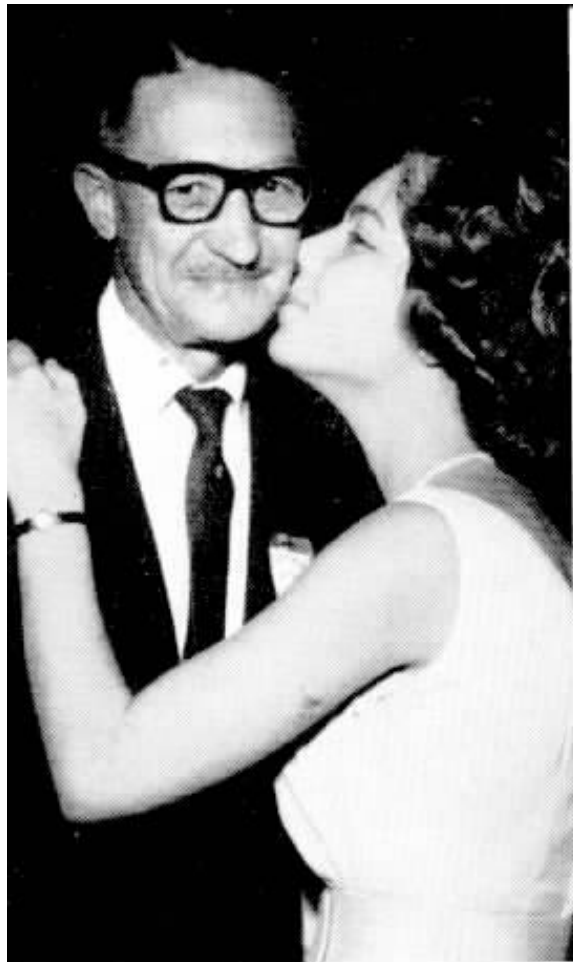


Rinaldo Marchesin, ao centro, ladeado por B. J. P. Tancred, à sua esquerda, e por J. Sarkissoff.



Elza Godoy foi homenageada pela filha da TC e por sua sobrinha. Embaixo, José Alves Cunha, recebe afetuoso abraço de sua esposa.





Alberto Cardoso Siqueira, da Rêde, completou 30 anos de serviços. Sua filha beija-o com ternura.



Esse gracioso trio de tão gentis colegas, com graça e beleza, encantou a todos, incansável na trabalhosa tarefa de distribuição do regalante choppe.

BAURU

COM o costumeiro brilho, realizou-se, em Bauru, Estado de São Paulo, na sede do Esporte Clube Paulista, a festa dos veteranos daquele Distrito, ocasião em que cêrca de cinqüenta de nossos colegas receberam seus emblemas, coroando o esforço e a dedicação de muitos anos de trabalhos. Na oportunidade, José Portugal Gouvêa, em sua saudação, teceu enômios aos veteranos. Inúmeros colegas compareceram a essa manifestação de aprêço e simpatia. Alberto Cardoso Siqueira falou, interpretando o agradecimento dos veteranos. Um farto churrasco seguido de baile, completou a solenidade.



É sempre interessante relembrar um pouco do passado. Nicolau Francisco Valerio, da Rêde de Botucatu, à esquerda, conversa com o seu velho amigo: Haroldo Prestes Miramontes. Quantos fatos curiosos.



Outra veterana, Nair Ortolon, funcionária do Departamento do Tráfego, no centro, cercada por seus familiares. Ostenta, presa ao seu vestido, a flâmula simbólica, como galhardete de uma grande etapa feliz e já vencida.



Esse seletto grupo composto por telefonistas, longe das frases convencionais que diariamente pronunciam, no desempenho de suas funções, tais como: «Alô? Qual o número dêsse telefone? Os troncos estão ocupados; chamarei depois», com excelente apetite, «devoram» o delicioso churrasco regado com choppe e guaranás bem geladinhos, na deliciosa e animadíssima festa de Bauru.

TAUBATÉ: Homenageados Aquêles Que Contaram



Assim transcorreu a festa tributada aos veteranos. Um lauto e convidativo churrasco, refrigerantes à vontade e muita alegria. Completa confraternização de amigos e colegas.



Benedita Vieira Marcondes, de Pindamonhangaba, recebeu emblema correspondente aos seus 35 anos de serviços dedicados à nossa Companhia. A direita, vemos José Portugal Gouvêa em palestra animada com um grupo de colegas que saboreiam o gostoso churrasco que lhes serviram.



Tempo de Serviço

NA sede da Associação dos Empregados no Comércio de Taubaté, quase três dezenas de veteranos foram contemplados, com emblemas correspondentes a tempo de serviço na C. T. E., sendo o ato presidido por José Portugal Gouvêa, ao qual compareceram Superintendentes e outros colegas, e também autoridades locais, todos para levar o seu aplauso aos homenageados. Dalva Moutela agradeceu em nome dos veteranos. Logo após, no pátio do edifício de nossa Companhia em Taubaté, foi servido um churrasco que a todos regalou.



Ao alto: Paulo F. Siqueira, com 35 anos de CTB, à esquerda, conversa com Fernando Lanzoni. Ao centro: um aflasho da festa. Embaixo: Benedito Lourenço ao lado de sua esposa.



Silvio Alves Martins, veterano de 30 anos, da Rêde, recebe da telefonista de NI, Daiza B. Santos, um cartão de felicitações que as colegas de Nova Iguaçu ofereceram a todos os veteranos do Distrito B-2. Gesto significativo.



Veteranos de trinta anos, numa pôse que será lembrada: Guilherme José Mescke, José Maria de Souza Dimas e João Luciano de Souza.



Francisco Pereira Campos, veterano de quarenta anos de serviço, é da Rêde de Nova Iguaçu. E. do Rio de Janeiro.

HOMENAGEADOS OS VETERANOS

REAUZOU-SE em Nova Iguaçu, no conhecido e conceituado Nova Iguaçu Country Club, a bela festa promovida para homenagear os veteranos do Distrito B-2 — Petrópolis que, em número de sessenta e sete, receberam, então, os seus emblemas. Um veterano de 40 anos, Francisco Pereira Campos e sete de 30, polarizaram as atenções da festa que transcorreu em ambiente da mais contagiante alegria.

Veteranos e seus familiares, colegas e chefes, em grande número, deram animação à festa, lotando amplamente as dependências do querido grêmio fluminense. Os colegas que completavam novas etapas de suas vidas funcionais, entre 40 e 10 anos de bons serviços prestados à Companhia Telefônica Brasileira, à medida que seus nomes iam sendo citados, entre aplausos recebiam os símbolos correspondentes e que constituem verdadeiro galardão, de que se orgulham todos os veteranos.

Terminada a solenidade, foi servido um churrasco a



todos da Rede, diante da máquina de Maria de Lourdes Miloski, de Corrêas.

EM NOVA IGUAÇU

todos os presentes, completado com uma série de deliciosos bolos comemorativos de tantos anos de atividade, recebidos com verdadeiro entusiasmo e aplausos às qualidades de doceiras das colegas que se esmeraram para tornar suas massas, verdadeiras delícias gustativas.

Uma bonita tarde, a dos veteranos do Distrito B-2, em Nova Iguaçu.

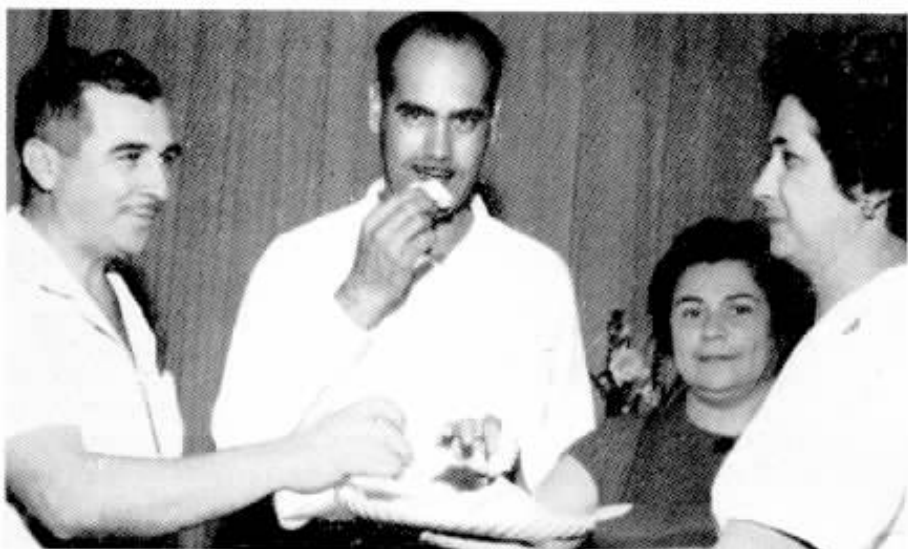
Moacyr Cappuci, gerente do Distrito, e Waldir Simões, saboreiam o bôlo que lhes oferece gentilmente uma colega.

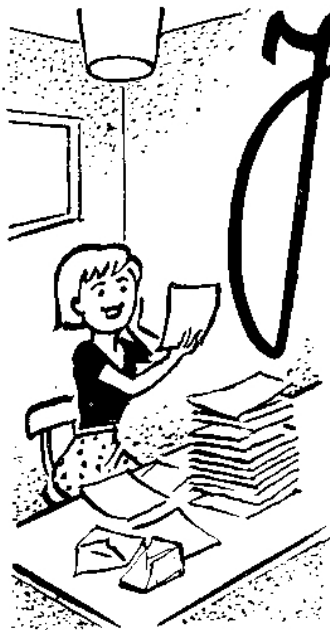


Entre grande animação, a festa teve alguns pontos altos, como este, sempre alegre e aguardado com entusiasmo: a hora de partir o bôlo.



Daria Amanda Ferreira Mattos Morais e Maria Josefina Nicolay Baur, ambas com trinta anos de bons serviços ao Tráfego.





Já é de absoluta rotina, a recepção de cartas, telegramas e ofícios diários, atestando o desvelo, correção e simpatia com que funcionários da grande família telefônica atendem o público.

Essas manifestações espontâneas de quem, obtendo bons serviços, faz questão de reconhecê-los, são encaminhadas pela Administração a SINO AZUL que, prazerosamente, as divulga, fazendo éco ao reconhecimento do público satisfeito.

A DÓR NÃO FEZ ESQUECER

Feridos pela dôr da perda de entes queridos, levados em meio a terríveis aflições e enormes transtornos, às vészes com a necessidade imediata de comunicações a longas distâncias para levar a infausta notícia a parentes afastados, convocados às pressas para as últimas homenagens, assinantes da Companhia, passados êsses instantes de maior aflição, em sua tristeza, não es-

O que dizem de **NOS**



O "LIONS" PRESENTE

A universal instituição do "Lions Club", através da entidade teresopolitana, convidou nossa colega Edna da Rocha Branco, para representar tôdas as suas colegas, num jantar especial, onde foi enaltecida a "colaboração e elevado espírito público demonstrado por tôdas, quando do caso dos escoteiros desviados de rota no Parque Nacional", caso de que bastante se ocupou a nossa imprensa.

ESCOLARES DE RIO CLARO

Dentro das festividades do Primeiro Calendário Cívico-Social da Criança, na cidade de Rio Claro, foi realizada proveitosa visita dos alunos do 4º grau A, masculino, do Grupo Escolar "Marcelo Schmidt", às instalações da C. T. B. nessa importante cidade paulista, o que motivou simpático registro do jornal local, "Cidade de Rio Claro".

quecem aquêles que se solidarizaram nos momentos piores e tudo fizeram para atender, na medida do possível, às necessidades imediatas.

São cartas e bilhetes, telegramas e ofícios, repassados de tristeza, mas enaltecendo êsse esforço.

Aqui temos, por exemplo, o cartão do assinante Arthur Eugênio Sacconi, de Piracicaba e a carta de Santo Ettore Rinaldi, de Garça, ambas concordes nesse agradecimento e elogio, após um transe difícil e irreparável.

POR ANÚNCIO

Na imprensa santista, apareceu grande agradecimento a quantos confortaram a família do Dr. Antônio Gilberto Pinto Azevedo, pelo passamento de pessoa muito querida. Nesse agradecimento, eram especialmente citados os médicos e a telefonista local nº 63, Erotylde Fidejlix, pela especial dedicação e carinho com que acompanharam o caso.



PIRAJUI APLAUDE

Através de requerimento apresentado à Câmara Municipal de Pirajuí, pelo vereador Lázaro P. Fagundes, foi aprovado "um voto de aplausos às telefonistas e demais funcionários da C. T. B., "considerando o trabalho abnegado dos funcionários da Companhia Telefônica Brasileira local".

VALIOSA COLABORAÇÃO

Nossas dedicadas colegas do Tráfego em Marechal Hermes (GB), foram alvo de entusiástico ofício de enaltecimento à sua "perfeita e eficiente atuação" por parte do "Prontec", Pronto Socorro Infantil, situado na Rua Carolina Machado, Estado da Guanabara.



NOVA IGUAÇU AGRADECE

O Vereador Jorge de Lima, líder da Maioria da Câmara Municipal de Nova Iguaçu, enviou à nossa Companhia, ofício amabilíssimo de exaltação à telefonista nº um daquela cidade, Maria das Graças Cursino, a qual foi de enorme valia para o citado edil, numa hora de aflição. No dizer do Sr. Jorge de Lima, "essa funcionária foi de uma dedicação, de uma solicitude, somente própria nas pessoas de espírito elevado, que têm em grande consideração o sofrimento. Apesar de não conhecê-la - diz o ofício - de não poder levar-lhe meus agradecimentos pessoalmente, quero que conste o quão grato lhe sou, e como representante do povo, faço questão que fique bem gravado o meu mais sincero e sentido agradecimento.

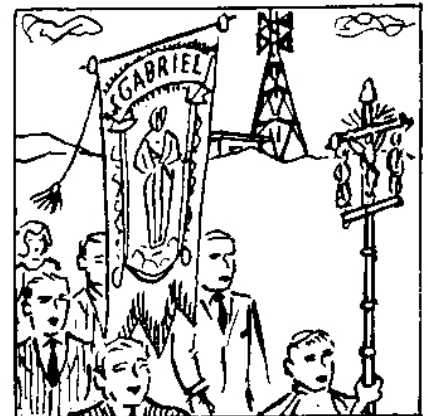
"Com funcionárias como esta - prossegue - que procura honrar o cargo que ocupa, sabendo ser o mesmo simples, mas imprescindível à vida do município, a Companhia Telefônica pode ficar certa que será sempre lembrada e estimada por todos que dela se servem".

GRATIDÃO

Embora ferida pela dor da perda sofrida, a família de Maria Lírio Brant, falecida em Santa Bárbara, Minas Gerais, não deixou de enviar delicada carta à sede da C. T. M. G. para agradecer os bons serviços prestados pelas telefonistas locais que foram de grande solicitude e muito cooperaram com a família nessa hora tão grave. Estabelecendo comunicações urgentes, esforçando-se para atender à natural ansiedade dessa hora, as telefonistas de Santa Bárbara fizeram jûs ao elogio.

VISITA

Alunos do Colégio Anglo Americano fizeram uma visita de estudo a dependências da Companhia Telefônica Brasileira no Rio de Janeiro, detendo-se mais demoradamente nos serviços interurbanos, tendo tido oportunidade de apreciar o funcionamento das comunicações telefônicas do Rio com as demais cidades do Brasil e do Mundo. Da visita de que levaram agradável impressão, recolheram proveitosos ensinamentos, o que motivou carta de agradecimento do Sr. Alberto de Almeida Correia, diretor-presidente daquela prestigiosa organização de ensino.



RIBEIRÃO E OURINHOS

Também as nossas colegas de Ribeirão Preto e de Ourinhos, receberam significativos elogios pelos seus assinalados serviços às respectivas populações.

As primeiras ganharam crônica na ZYR-79 e ZYR-92, Rádio Ribeirão Preto, e, as segundas, a saudação especial do rev. Pe. Duílio O. S. J. que, ao ensejo da passagem do dia de São Gabriel, padroeiro das telecomunicações, convidou a dirigentes e servidoras da C. T. B. para a missa especial oficiada por aquele motivo, na capela da Santa Casa local.

ENIGMA dos ENGANOS



VEJA, CARO LEITOR, SE VOCÊ
CONSEGUE DESCOBRIR OS
9 ENGANOS COMPARANDO
O DESENHO ① COM O ②
(SOLUÇÃO NA ÚLTIMA CONTRACAPA)



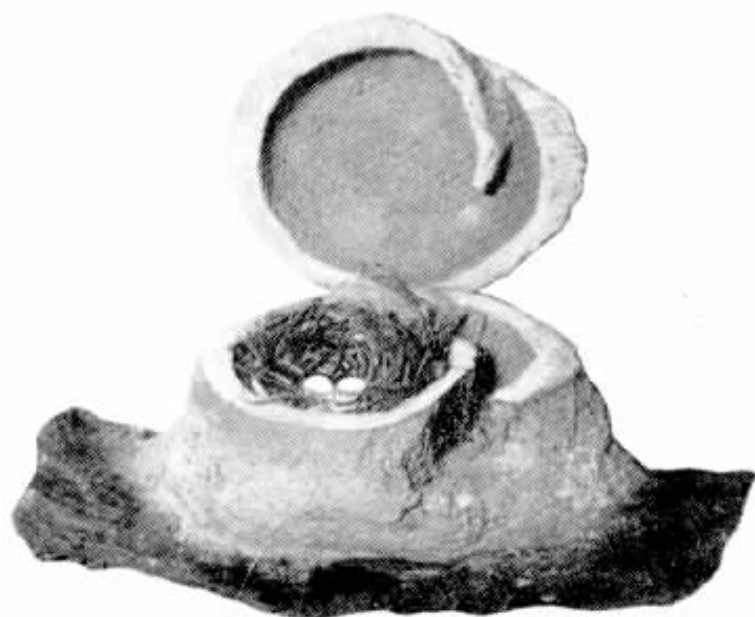
JOÃO DE BARRO



VER um passarinho a saltitar de um lado para outro, com fragilidade e bela plumagem, nem sempre é agradável à vista e poético ao sentimento. Pelo menos em relação ao João-de-Barro, é esse o modo de sentir dos guarda-fios da Telefônica que, embora apreciando o "furnarios rufus rufus", nome porque o conhecem os cientistas, ou o ôgaraitig, como o denominam em guaraní, não gostam de ver a preferência que tem pelas cruzetas dos fios telefônicos, para a instalação das suas bem feitas casas de barro. Esses ninhos, via de regra feitos sobre os isoladores de fios, causam dificuldades enormes ao serviço interurbano e constituem verdadeira praga, a que não se dá, nem se pode dar, descanso, em nome das boas comunicações telefônicas.

Embora "inimigo", dada a curiosidade que é a própria existência do pássaro, resolvemos dedicar à ave que é conhecida em toda a América do Sul, embora sob nomes diferentes, algumas linhas de esclarecimento.

Se algum dia forem à Argentina e ouvirem falar de um pássaro "hornero", estejam certos que é dele que falam. Chamam-no de "fornheiro" porque o seu ninho de barro tem a forma característica de um forno primitivo, de cozer pão. Já um gaúcho do Rio Grande do Sul o chamará de "barreiro", e um baiano de amassa-barro. Um cearense o denominará maria-de-barro. Mudam os nomes, mas não o pássaro que será sempre o



No alto da página, dois exemplares do belo João-de-Barro, conservados no Museu Nacional do Rio. Embaixo, corte do admirável ninho do pássaro, verdadeiro arquiteto alado.



João-de-Barro de mil histórias, talvez o mais popular dos pássaros do Brasil.

Como o João-de-barro costuma construir o seu ninho entre os isoladores das linhas interurbanas de fio nu, a umidade absorvida pela sua casa, produz baixa isolação que prejudica, assim, a transmissão telefônica. E é isso que faz com que seja mantida constante vigilância ao longo da posteação da C. T. B., nas estradas e no mato adentro, num trabalho dos mais penosos para a remoção das casas do pássaro-engenheiro.

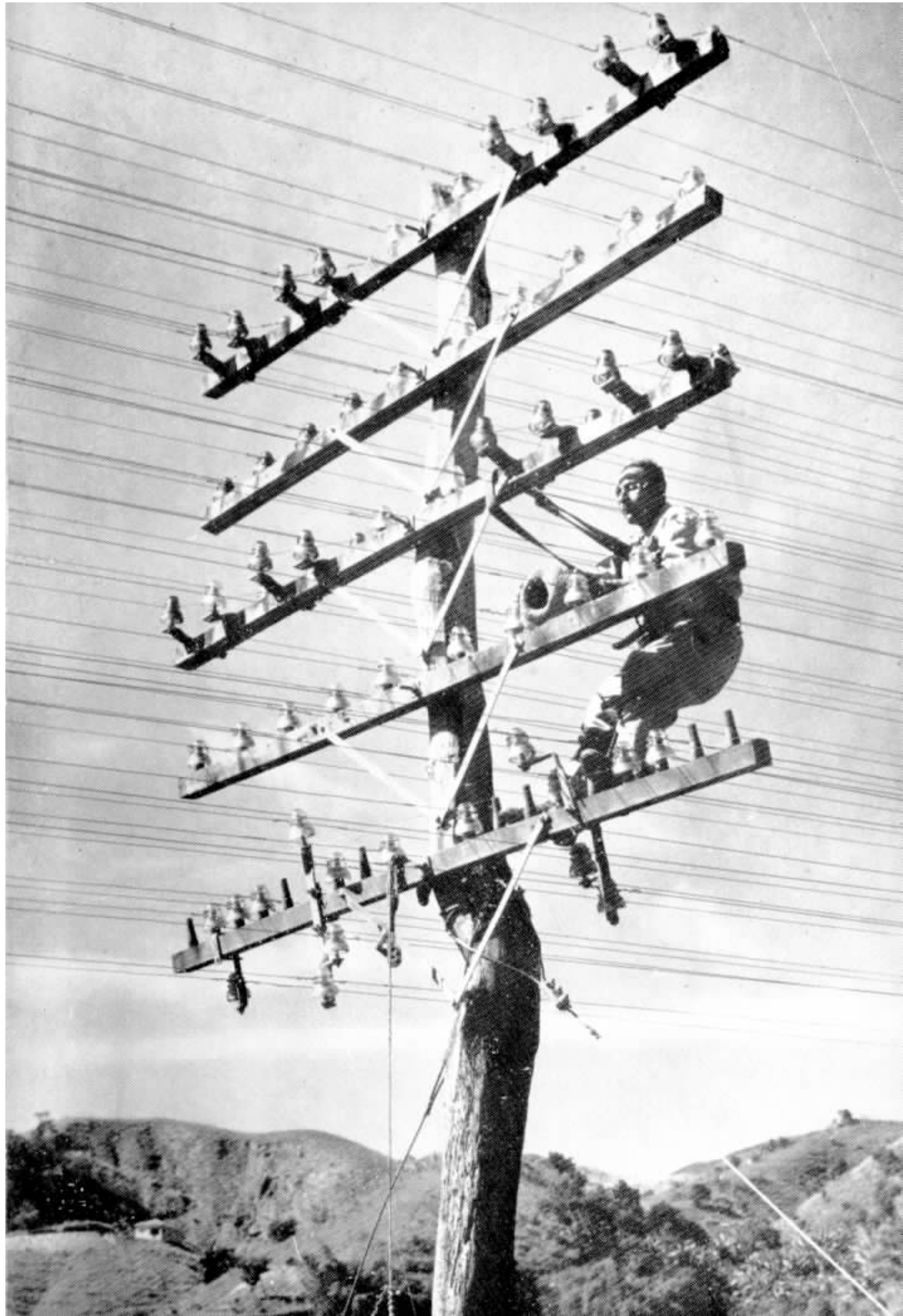
Fora esse prejuízo, porém, não há porque querer mal ao nosso alado "inimigo". Dêle se contam as coisas mais interessantes possíveis, como o faz, por exemplo, Eurico Santos, escritor especializado em assuntos da nossa fauna que, em "Pássaros do Brasil", dedica ao João-de-Barro, fartos elogios, classificando-o de "super-pássaro, cheio de qualidades, industrioso, honesto, inteligente, casto, trabalhador, pacífico e conquistador da simpatia do homem".

De côr terrosa, garganta branca e parte inferior do corpo amarelado escuro, bico fino, reto, ligeiramente curvado para a ponta, com perto de dois e meio centímetros, o João-de-barro tem cabeça arredondada e é um pássaro bem elegante, apesar de seu tamanho não passar de vinte centímetros.

O ninho é característico e um môdêlo de confôrto e segurança, construído de barro e com a forma típica de um fórnô. No matériál de construção estão misturados ao barro, palhas, crinas e fibras diversas, levando o trabalho de ereção de três a sete dias, parecendo às vêzes um edifício de apartamentos com casas sobrepostas. Geralmente têm dois compartimentos, separados por uma parede, um corredor de entrada que vai dar na câmara onde a fêmea põe os ovos, entre janeiro e setembro. Seu canto é um hino de otimismo que cessa ao cair da chuva, mas que se levanta claro e forte, mal rala o sol, numa prova de que, até entre os pássaros, a vida requer claridade, bom tempo e otimismo. E nesse ronto, o João-de-barro é mestre. Com licença dos nossos colegas, os guarda-fios.

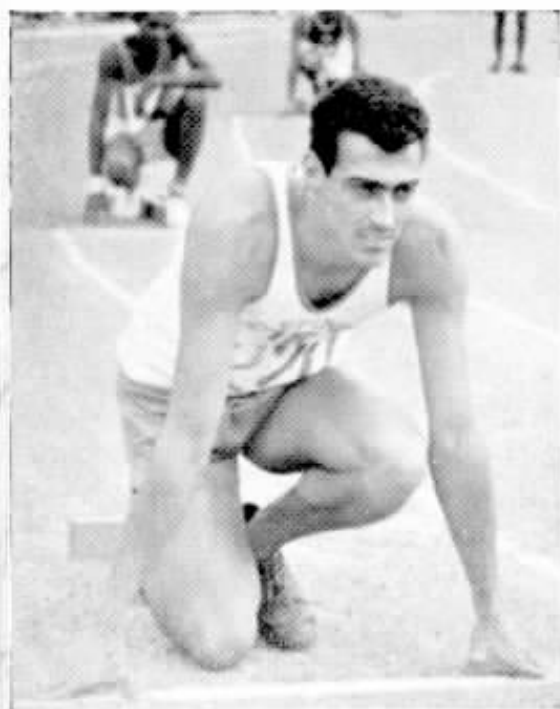
●

A esquerda, magnífico exemplo de «edifício de apartamentos» construído pelo João-de-Barro (exemplar do Museu Nacional). A direita, flagrante do trabalho do guarda-fio, procurando retirar um ninho do pássaro.



TELEFÔNICA A. C.: CAMPEÃO DO SESI

BRILHANTE FEITO ESPORTIVO



Júlio de Araujo, campeão de 110 metros com barreira e segundo nos 400 metros rasos. Um valeroso elemento do T.A.C.

DOS mais empolgantes foi o resultado dos XIV Jogos Esportivos do SESI, realizados no Estado da Guanabara e de que o Telefônica Atlético Clube saiu amplamente laureado. Os jovens integrantes da equipe telefônica, levantaram pela terceira vez consecutiva, o título na série B, e, pela primeira vez, o da categoria A.

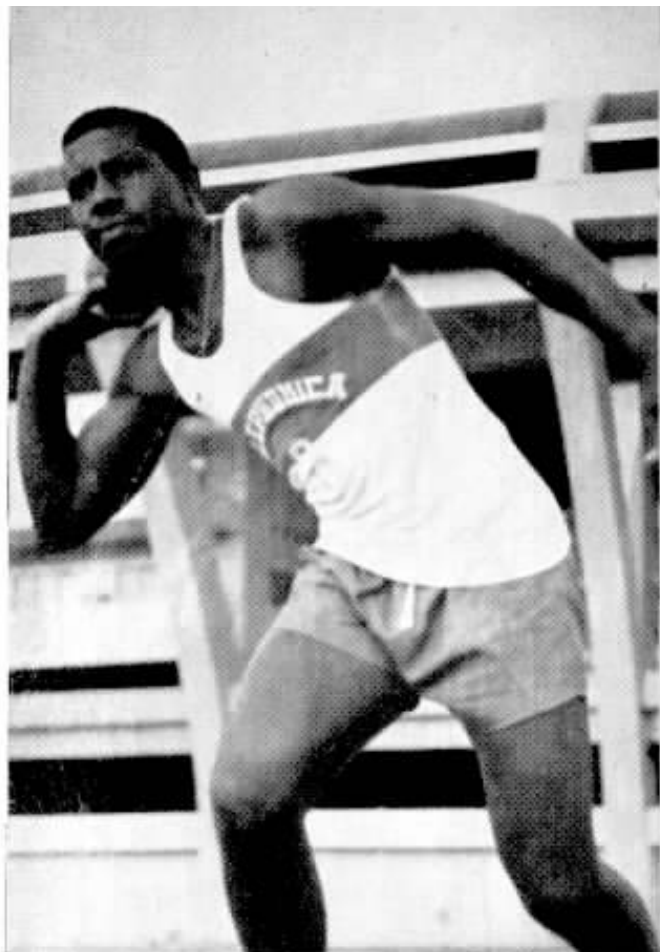
Salientamos como melhores resultados na categoria A, obtidos por atletas do T.A.C., o primeiro lugar nos cem metros rasos, vencido por Hélio Malheiros com o tempo de 11,9 segundos, vencendo este atleta, ainda, o salto em altura com 1,60. Nos 1.500 metros, o T. A. C. destacou-se colocando os vencedores do segundo ao quarto lugares nos Gastão Nogueira, Ney Flôres de Melo e Manoel Dias. Outros bons resultados foram atingidos nas provas de salto triplo (3º), salto com vara (dupla em 1º), 110 metros com barreiras (1º), 400 metros rasos (2º) e revezamento 4 x 100 (2º). Na categoria B, Osvaldo Brito foi o mais destacado vencendo as provas de pêso, disco e dardo. Outros excelentes resultados foram verificados nas provas de revezamento 4 x 75 m (1º), 75 e 300 m rasos (2º), salto em altura (2º) e disco (3º). Uma excelente equipe a do T. A. C.



Aí está a excelente equipe que defendeu o tricampeonato da série B e levantou também o título da série A, para o T.A.C. nos XIV Jogos do SESI. Tendo na extrema direita o presidente Miranda, a equipe posa após os feitos, tendo o treinador Francisco Cortez, terceiro da esq. um dos troféus.



Hélio Malheiro, campeão do salto em altura e dos 100 metros rasos, foi um dos grandes construtores das magnificas vitórias dos nossos rapazes.



Osvaldo Brito foi um colecionador de vitórias na categoria B, vencendo as provas de peso, disco e dardo, em tempos excelentes



Luiz Gonzaga Campos, outro bom colaborador no esforço magnifico realizado pelos rapazes do Telefônica Atlético Clube, na esplêndida prova do SESI.



Santo Bruno, vice-campeão no salto com vara, da série A, empatou com Cândido Freire, o vencedor, na altura alcançada: 2,50 m.



Flagrante em Botucatu, à saída do ato religioso no qual colegas daquela próspera cidade paulista, cumpriram o piedoso dever da Páscoa, no Ginásio Diocesano de Nossa Senhora de Lourdes.

Páscoa na C. T. B.



Também em Ourinhos, outro grande centro da vida paulista, se fez sentir o fervor religioso de quantos, servindo à Telefônica, não esqueceram de suas obrigações. Após a missa festiva da Páscoa, nossas colegas de Ourinhos e os seus familiares, numa foto com o reverendíssimo oficiante.



A cidade de Campos, no Estado do Rio, mais uma vez fez das comemorações pascoais, justo motivo de relêvo. Na ocasião fez-se o registro acima.



Ao lado, aspecto do templo onde se realizou a solenidade religiosa em Jaú, no Estado de São Paulo, literalmente repleto com tão belo pretexto.



A progressista cidade interiorana de S. Paulo, S. João da Boa Vista, também comemorou de maneira assinalada, a passagem da quadra pascal, realizando os funcionários da Companhia Telefônica Brasileira, uma bonita festa de elevação cristã. Na foto, colegas e os sacerdotes preparadores.



Muitos compareceram à despedida de Maria de Lourdes Barbosa Pinto. Todos para formular votos de felicidades. Emocionada, vemos-la, ao lado de Augusto Faria e do Dr. Theodoro Arthou.

Aposentadorias

Ao alto: Colega das mais estimadas, Maria de Lourdes Barbosa, chefe da seção de Serviços Internos, do Depto. Comercial do Estado da Guanabara, aposentou-se com 37 anos de excelentes serviços prestados à nossa Companhia. Sorrisos e lágrimas marcaram a sua despedida, quando um grande número de chefes de seção e de colegas foram lhe dar afetuoso abraço e desejar-lhe felicidades. Nesse dia, o ambiente de trabalho visto pela companheira que nos deixava foi outro, numa reunião íntima e de cunho fraternal.



Ao lado: Significativa homenagem foi prestada a mais um companheiro que se retira das lides telefônicas. É ele, Rudolpf Aps, Encarregado da seção de Estudos da Réde, e que se aposenta com trinta e três anos de bons serviços prestados à C. T. B. Inúmeros colegas e admiradores foram levar, na ocasião da despedida, o seu abraço ao velho companheiro de trabalho. Rudolf Aps recebe de Leonidas H. Granoff, um belo rádio, lembrança de seus colegas da Telefônica.



Iracy Maria Vidotti, a telefonista do Ano de 1961, recebe das mãos de Carlos Duarte de Oliveira, o troféu de «Honra ao Mérito». Ganhou-o merecidamente.

Campinas Elege a Telefonista do Ano

COMO tradicionalmente ocorre todos os anos, foi escolhida, em Campinas, a Telefonista do Ano de 1961. Desta vez, a vencedora do concurso realizado entre as funcionárias da Companhia Telefônica Brasileira, foi a jovem e simpática Iracy Maria Vidotti, telefonista zelosa, cumpridora dos seus deveres e portadora de ótimos predicados pessoais. O concurso que contou com a promoção do jornal "Diário do Povo", chegou ao seu quarto ano con-

secutivo, sempre norteado pelos princípios de incentivar o valioso trabalho das telefonistas, escolhendo a que mais se destacou durante o ano. Os proprietários do "Bar e Restaurante Rosário", ofereceram, a Iracy Maria Vidotti, um lauto almoço e entregaram-lhe na ocasião, um troféu de honra ao mérito, como prova de reconhecimento ao muito que as jovens telefonistas fazem em prol do progresso e bem estar de Campinas.

SOLUÇÃO DO «ENIGMA DOS ENGANOS»



A orelha ficou branca.



A gaiola tem outro enfeite.



O homem colocou gravata. O telefone ficou branco.



A caixa tem nova forma.



O lápis mudou de posição.



A cauda ficou mais curta.



A vasilha aumentou.



Mudaram de posição.



Sino Humor

através da imprensa mundial



- Laerte ? Julião ? Artur ? ...
Ah, é Você, Ana Maria ! Por que
não avisa logo que está rouca ?



- Romeu e Julieta namoraram,
Cinderela e o príncipe namora-
ram e todos fizeram história,
sem jamais ter usado o telefone!..



- Agora podemos conversar...
Segurei meu filho que está de
ôlho na mesa de doces...



- Teresinha, quer emprestar-me
o seu baton ? . . .



- Telefonista de auxílio ? .. Escute,
o meu telefone deve estar com
defeito - há duas horas que não toca!